



Artigo de Opinião / Point of View Paper

Comprometimento da tradução de *Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis* de Martius

The misleading translation of Martius' Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis translation

Alexandre Indriunas^{1,2}

Resumo

A viagem de Martius e Spix pelo território brasileiro no século XIX gerou diversas obras, entre elas uma publicada em latim por Martius sobre plantas medicinais aqui então utilizadas. No trabalho datado de 1843, Martius lista mais de 800 espécies, ordenando-as em um sistema de classes de substâncias. Esta importante fonte de informações sobre plantas medicinais e para estudos em etnobotânica histórica foi traduzida para o português por Henrique Velloso d'Oliveira em 1854, com o intuito de torná-la mais acessível aos leitores em geral. A tradução apresenta graves inconsistências com o comprometimento da citação das espécies, incluindo criação de nomes botânicos a partir de comentários taxonômicos do autor original, omissões e adições de usos, propriedades, preparos, indicações, comparações, interpretações, além de outras questões botânicas. Alguns erros de tradução sugerem o desconhecimento de questões taxonômicas e morfológicas, contribuindo ainda mais para a descaracterização do original. A tradução altera o original a tal ponto que deve ser desconsiderada para fins de estudos sobre as plantas medicinais no Brasil. O texto original no entanto continua sendo uma rica fonte de informações sobre este tema.

Palavras-chave: etnobotânica histórica, Henrique Velloso d'Oliveira, história da botânica, plantas medicinais.

Abstract

Martius and Spix's trip through Brazil during the 19th century gave rise to many works, including a Latin manuscript by the famous botanist on the medicinal plants used in Brazil. In 1843, Martius published a list of over 800 species, classifying them according to the type of substance they contained. This important source of information on medicinal plants and historical ethnobotany was translated into Portuguese by Henrique Velloso d'Oliveira in 1854, aiming to make it more readily available to all readers. The translated version contains serious translation errors that cast doubt on species citations including the creation of new botanical names based on the original author's taxonomic comments, omission and addition of new usages, properties, modes of preparation, indications, comparisons, interpretation, and other botanical issues. Several translation errors indicate a misunderstanding of taxonomic and morphological questions, further contributing to distortion of the original text. The translation alters the original text to such an extent that it should be disregarded in studies on medicinal plants in Brazil. The original work, however, remains a rich source of information on this topic.

Key words: botanical history, historical ethnobotany, Henrique Velloso d'Oliveira, medicinal plants.

Do importante legado deixado por Carl Friedrich Philipp von Martius, fruto de sua notória expedição pelo Brasil em companhia de Johann Baptiste Von Spix entre 1817 e 1820, poucas foram as obras que abordaram o emprego das plantas

pelos nativos ou mesmo pelos outros habitantes do Brasil.

O único trabalho sistemático e aprofundado sobre o assunto, ou seja, o emprego medicinal das plantas foi o *Systema Materiae Medicae*

¹ Instituto de Botânica, Núcleo de Curadoria do Herbário, Av. Miguel Stéfano, 3687, 04301-902, São Paulo, SP, Brasil.

² Autor para correspondência: indriunas@yahoo.com

Vegetabilis Brasiliensis (Martius 1843), embora citações esparsas e relatos curiosos apareçam também na obra "Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros" (Martius 1939). A partir de Martius (1843) observa-se que foram reportadas espécies medicinais nativas e exóticas, traçando comentários diversos sobre as plantas, dentro de sua visão erudita e crítica de cientista oitocentista, elevando a sua obra a um patamar de inestimável valor para a etnobotânica histórica (Brandão *et al.* 2009).

Nessa obra, Martius (1843) lista 834 espécies de 388 gêneros e 125 ordens, organizando-as em um sistema de 11 classes de substâncias e 31 subclasses, além de um anexo sobre tinturas. As espécies, plantas vasculares e alguns líquens, em cada classe ou subclasse, são apresentadas em níveis taxonômicos decrescentes: Ordem, Gênero/Espécie. A grafia segue o sistema de Lineu: gênero e epíteto específico (em destaque), nome do autor, além de nome(s) popular(es). A cada espécie ou grupo de espécies são apresentados diversos tipos de comentários, principalmente sobre usos, propriedades e origem.

Em 1854, a referida obra foi traduzida do latim para o português pelo desembargador Henrique Velloso d'Oliveira (1804–1867), que se dedicou à tradução em diferentes áreas como anatomia, língua francesa, filosofia e homeopatia, além de escrever livros sobre, por exemplo, xadrez e um curso de alemão (Silva 1859; Bortolletto & Sant'Anna 2002).

A estrutura e divisão da tradução "Systema de Materia Medica Vegetal Brasileira" (Martius 1854), segue basicamente o mesmo padrão do original, tendo como diferenças o início da obra com a emendada e adendo (*Emendanda et Addenda*), um prótólogo (*Prologo*) e após as classes e antes do índice, uma listagem dos autores e obras contida no original.

No prótólogo, "com o fim de tornar a leitura menos complicada e mais acessível à grande maioria dos leitores", o tradutor assinala três alterações na forma de apresentação da obra: o uso do nome popular antes do científico, a ausência do nome popular quando não contido no original e a supressão da maioria dos nomes dos autores das espécies (Martius 1854). Porém, ao se confrontar o original com a tradução, o que se encontra é algo muito distinto.

A tradução da obra a torna indubitavelmente mais acessível aos falantes de língua portuguesa,

porém como o próprio tradutor assinala: "em uma impressão de tão impertinente e minucioso trabalho, não podem deixar de escapar, principalmente na primeira edição, algumas pequenas faltas" (Martius 1854). Assim, embora contemporâneas, as duas obras, o original e a tradução, deveriam refletir e servir de base para o entendimento do ponto de vista do autor sobre a questão das plantas (Medeiros 2007), no entanto as "pequenas falhas" citadas não refletem o escopo do original escrito pelo eminente botânico.

O comprometimento da tradução se inicia com a diagramação, que leva a erros e complicações taxonômicas graves. No original, os gêneros e espécies são apresentados em itálico, seguidos de nomes populares, quando os há, enquanto nas linhas seguintes, em recuo, sinônimos ou mesmo nomes populares que constam em obras clássicas são adicionados, sempre se referindo à publicação e, não poucas vezes à ilustrações. Na tradução, por sua vez, há o abandono desta disposição gráfica, e como assinalado, primeiramente é colocado o nome popular, seguido do nome científico, este, porém, grafado em letras minúsculas, entre parênteses; os comentários são confusos e não referenciados.

A partir dessa diferença, o tradutor passa, com o alinhamento dos nomes científicos, a indicar que o que é tratado como sinônimo no original determinado pelo recuo do texto, seriam espécies distintas, criando com isto, uma série de nomes supérfluos e desnecessários.

Como se não bastasse a confusão de sinônimos, há a literal criação de nomes científicos de espécies com base nas observações contidas no original. Em nota explicativa sobre essas alterações (Martius 1854), d'Oliveira se explica a respeito do tratamento dado aos nomes científicos e sinônimos, "é maior trabalho do que aquelle a que nos resolvemos, sujeitar-nos a fazer esse exame a respeito de todos os casos" e assinala a seguir que tomou os devidos cuidados afim de não comprometer a obra. Porém não é isto o que ocorre. Pululam no texto nomes inexistentes no original e construídos sem qualquer conhecimento de nomenclatura botânica.

O aparente desconhecimento de Botânica e o descuido com as informações vão além das questões nomenclaturais, por si só bastante graves, por exemplo, "*Cerei varii stantes*", empregado por Martius para se referir a várias espécies eretas do gênero *Cereus*, foi tratado como sendo uma espécie. Além dos problemas taxonômicos,

termos morfológicos como “rhizoma” e “cortex” são traduzidos como raiz.

O frágil entendimento botânico alia-se ao um suspeito domínio da língua latina, como pode ser observado quando o tradutor se refere a espécies do gênero *Bidens*, como bidentes, evidentemente não observando tratar-se do emprego da palavra no caso genitivo. Talvez o erro mais emblemático seja a tradução de “*folia recens fricta odorem spargunt ingratum*”, i.e., “folhas recém friccionadas liberam um odor desagradável”, por “as folhas frescas fritas espalham cheiro desagradável”.

Com base apenas nos pontos até agora apresentados, a tradução já seria questionável, porém, como se trata de uma obra que versa sobre plantas medicinais, tampouco há cuidados com as informações relativas ao preparo, propriedade e indicações. Há omissões destes aspectos, supressões de informações contidas no original e não poucas adições que remetem ao entendimento que estas partem de Martius. Ora são preparos ou propriedades, ou indicações ou características que são inseridas ou eliminadas do texto. A lista é vasta e encontra-se difundida em muitos comentários sobre as espécies.

A obra do ilustre botânico, Martius, *Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis* (Martius 1843) é, tanto pela importância do seu autor, quanto pela qualidade do documento histórico etnobiológico, e pelas informações nela contidas, uma fonte importante para o estudo de plantas medicinais no Brasil.

No entanto a tradução de Velloso d’Oliveira, “*Systema de Materia Medica Vegetal Brasileira*” (Martius 1854), descaracteriza a obra original, tanto pela reestruturação proposta, quanto pelas inconsistências (erros de tradução, omissões e adições). O aspecto botânico, as propriedades, usos, preparos e indicações sofreram tal alteração que a tradução pode ser compreendida como outra obra.

Talvez a única relevância científica possível para a tradução seja a de um objeto de estudo

lingüístico de tradução, pois no que diz respeito a seu conteúdo, sugere-se aqui que ela deva ser evitada como fonte segura de informações sobre plantas medicinais. O original de Martius continua sendo uma segura fonte de informações sobre o tema.

Agradecimentos

Agradeço ao prof. José Eduardo Brasil Pereira Pinto o apoio no desenvolvimento da monografia do curso de especialização em Plantas Medicinais da UFLA, que originou este trabalho. Aos profs. Elisa M. Aoyama e Tarciso S. Filgueiras a leitura do manuscrito.

Referências

- Bortolletto, M.E. & Sant’Anna, M.A. 2002. A história e o acervo das obras raras da Biblioteca de Manguinhos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 9: 187-203.
- Brandão, M.G.L.; Cosenza, G.P.; Grael, C.F.F.; Netto Junior, N.L. & Monte-Mór, L.M. 2009. Traditional uses of American species from 1st edition of Brazilian official pharmacopoeia. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 9: 478-487.
- Martius, K.F.P. 1843. *Systema materiae medicae vegetabilis brasiliensis*. Frid Fleischer, Lipsiae. 155p.
- Martius, K.F.P. 1854. *Systema de materia medica vegetal brasileira*. Tradução de Henrique Velloso d’Oliveira. Laemmert, Rio de Janeiro. 284p.
- Martius, K.P.V. 1939. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. Tradução de Pirajá da Silva. Companhia Editora Nacional, São Paulo. 286p.
- Medeiros, M.F.T. 2007. Fontes documentais do século XIX: fundamentos para a pesquisa etnobotânica hodierna. In: Barbosa, L.M. & Santos Junior, N.A. dos (orgs.). *A botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais*. Imprensa Nacional, São Paulo. 565-568.
- Silva, I.F. 1859. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. t. 3. Imprensa Nacional, Lisboa. 476p.